



AIDS E EDUCAÇÃO SANITÁRIA NA IMPRENSA PARAIBANA – 1985

Autor: Fernando Domingos de Aguiar Júnior

UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte).

Este artigo propõem pensar a aids enquanto um fenômeno social, tomando enquanto ponto de partida as primeiras notícias acerca da doença nos jornais paraibanos (O Norte, A União e Correio da Paraíba), durante o segundo semestre do ano de 1985. A reflexão central que norteia este trabalho, atenta para um boletim informativo de enfrentamento à epidemia de aids no Estado, que buscava alertar a população contra os perigos da doença e dos doentes de aids. Com este boletim informativo, segundo os jornais citados, o Estado da Paraíba buscava combater a promiscuidade, apresentando a doença e os grupos de risco ao povo paraibano, além de propor através da educação sanitária, a efetivação desse enfrentamento.

Palavras-chave: História das doenças, História da aids na Paraíba, aids, Educação Sanitária e imprensa paraibana.

A natureza dessa tristeza se tornará mais clara se nos perguntarmos com quem o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso já diz o suficiente para o materialista histórico. Todos os que até agora venceram participam do cortejo triunfal, que os dominadores de hoje conduzem por sobre os corpos dos que hoje estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo triunfal, como de praxe. O materialista histórico os observa com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre qual ele não pode refletir sem terror. (BENJAMIN, 2012, p. 244 -245)

Há um consenso entre os pesquisadores, das mais diversas áreas, quer sejam da História, da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia, entre outras, a respeito de algumas máximas daquela época que persistem ainda hoje em rodear a aids¹, permeando o imaginário social, por meio de representações estabelecidas ao longo do tempo, onde mitos e imagens foram fixadas à doença.

No cenário das doenças, Nascimento (2005) indica algumas características, ou processos que uma moléstia ‘precisaria’ obter/percorrer antes de vir a ser percebida enquanto grave, sendo assim elevada ao status ‘maior’ de *peste*. Uma destas características seria a sua *capacidade de fazer vítimas fatais*, no entanto a autora ainda sugere questões pertinentes, problematizando o campo da doença: Quais são as vidas que estão sendo colocadas em risco?

¹ Encontramos na escrita de Pelúcio e Miskolski uma reflexão acerca do uso da sigla em minúsculo: *Usamos a sigla “aids” em minúscula seguindo as orientações de Castilho (1997 apud Silva 1999). Ele argumenta que nomes de doenças são substantivos comuns, grafados com minúscula. Além disso, aqui o uso em minúsculas se deve a uma perspectiva crítica em relação ao pânico sexual criado em torno da aids. Como não há uma uniformidade na forma de grafar a referida palavra, nas citações reproduzidas ao longo deste trabalho respeitaremos a forma escolhida por cada autor (2009 p. 127).* Em nosso caso, fizemos uma escolha, como já está justificada no próprio texto.



Quem é que está em jogo? Quem pode morrer? Quem por meio dessa doença poderá vir a sumir do mapa?

Percebendo as doenças, e em especial a aids, enquanto um fenômeno social, tendo em vista seu ‘caráter brutal’ e seu ‘aspecto misterioso’, ao compasso que fazia mais vítimas e que ia sitiando a sociedade e o meio científico, agregando em torno de si as mais diversas imagens e representações. Logo, sem demora, a aids converteu-se enquanto uma pandemia. O que a própria autora destaca enquanto uma ‘terrível peste’ do século XX.

A doença faz parte da dinâmica vital e se inscreve em todos os setores da relação do homem com a natureza e dos homens entre si – diversidade de inscrições apropriada pela historiografia com diferentes abordagens. Resultam daí vários recortes das doenças que representam, de modo muitas vezes reducionistas, ora análises biológicas, ora análises sociais. Outras análises pretendem, sem negar o substrato fisiopatológico da doença, apreender o processo de construção social que a constitui como fenômeno social. É nesse cenário que considero oportuna uma reflexão inicial sobre a história de doenças. (NASCIMENTO, 2005, p.26).

Considerando a aids enquanto uma doença de grande impacto social, fazendo vir à tona os mais variados discursos, aflorando de toda parte da sociedade que em conjunto constrói e credita imagens à aids e aos doentes – aqueles que foram ‘tocados’ pelo ‘mal’.

Nascimento (2005), destaca a existência de contextos específicos que foram creditados à algumas doenças, entre elas a aids, especialmente por ultrapassar os limites da *materialidade biológica*, que diante da morte, o próprio processo social foi elaborando *significados mais complexos* que extrapolavam a extensão e os limites do campo biológico. [...] *uma doença que chega pelos jornais e, aos poucos, vai se aproximando [...]* (VIANNA, 2014. p. 38).

A imprensa tem um papel essencial no exercício de contar, *explicar* e de reconstruir o passado. É em si uma das fontes mais utilizadas para este fim, inclusive pela própria História. Ao longo do tempo, a imprensa deu conta de registrar boa parte da nossa jornada, algumas vezes enquanto testemunha ocular dos fatos, em outros momentos como agente que apenas reproduzia a notícia de outros veículos, quando não, precisou voltar no tempo reunir pistas e fragmentos, para contar a história que se propunha - Ana Luiza Martins e Regina de Luca (2015).

Conforme Flávia Péret (2012), a imprensa tem atrelado a esse poder de informar, o de



também constituir maneiras de perceber e de compreender ‘fatos, pessoas e acontecimentos’.

Ao fazer um recorte do mundo e apresenta-lo aos leitores como fragmentos da realidade, a mídia estabelece modos de ver e interpretar fatos, pessoas e acontecimentos. Além disso, é uma poderosa máquina de construir imaginários e estereótipos. Essa seleção e captura do real não é aleatória, muito menos inocente. Está alinhada, dentro de cada meio de comunicação, com aquilo que chamam de “política editorial”. É esta que define a identidade de um veículo, a maneira como cada um “fala” com seu público e expressa suas visões de mundo. (PÉRET, 2012. p. 108).

João Pessoa, Paraíba. Quinta-feira, 22 de agosto de 1985. O jornal *Correio da Paraíba* parecia imprimir e instituir um novo editorial para si: A AIDS na Paraíba. Era nesse ‘novo espaço’, sempre em trânsito e itinerante, que circulavam as notícias acerca da nova doença. Tais notícias podiam vir localizadas desde as capas, até as mais variadas seções do jornal, como Política, Opinião, Nacional, Internacional e Geral.

A aids peregrinou não apenas nas mais variadas seções editoriais do *Correio da Paraíba*, mas também teria encontrado abrigo nas capas e nas diversas subdivisões editoriais dos jornais *O Norte* e do *A União*. Se não todo mundo, muita gente da imprensa na Paraíba, a partir daquele agosto de 1985, se propunha falar sobre a aids. A AIDS na Paraíba antecedia o título da matéria que anunciava uma ação do estado paraibano, em elaborar um boletim sobre a aids para esclarecer o povo. A notícia vendida na capa do jornal vinha acompanhada com uma foto do coordenador de Dermatologia Sanitária da Secretaria, a foto por sua vez vinha com a seguinte nota: Airton admite que o objetivo é evitar a “promiscuidade”²

Mas de que modo se daria este suposto esclarecimento ao povo? De que modo a sociedade poderia evitar a promiscuidade? O que de fato estaria sendo dito acerca da promiscuidade? O *Correio da Paraíba* nos revela a provável estratégia de ‘guerra’ do estado:

A Secretaria de Saúde do Estado elaborou um boletim informativo sobre a AIDS (Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida) e começa a distribuí-lo na próxima semana, dentro de uma campanha de educação sanitária destinada, especialmente, aos chamados “grupos de risco”. São eles os hemofílicos, toxicômanos e homossexuais, estatisticamente os mais atingidos pelo mal. A informação é do coordenador da Dermatologia Sanitária da Secretaria, José Airton Cavalcanti. Segundo ele, na Paraíba pelo menos uma pessoa – em Campina Grande – já morreu em consequência da

² Encontramos no dicionário Aurélio (2000), as definições das seguintes palavras: promiscuir-se – Misturar-se, mesclar-se. Promíscuo – agregado sem ordem nem distinção, misturado, confuso. E no Dicionário Aurélio Online: promiscuidade – 1. Qualidade do que é promíscuo. 2. Mistura confusa e desordenada. 3. Reunião confusa de pessoas em que predominam as de baixa classe. 4. Comportamento que viola o que é considerado moral. 5. Relacionamento com vários parceiros sexuais. – <https://dicionariodoaurelio.com/promiscuidade>, pesquisado em 15 de junho de 2016. (83) 3322.3222



AIDS. E existe um caso suspeito no Brejo paraibano (não revelou a cidade). O médico admitiu que o objetivo desse boletim de cuja elaboração participou, é reduzir a promiscuidade sexual. Serão 50 mil exemplares, em linguagem acessível, com distribuição prevista para todo Estado. Enquanto isso, a Secretaria tenta junto ao Ministério da Saúde, treinar um grupo de médicos paraibanos para tratar da AIDS. (CORREIO DA PARAÍBA, Nº15, ANO XXXII, 22 de agosto de 1985, capa).

Segundo o *Jornal Correio da Paraíba*, a) o próprio coordenador da secretaria José Airton Cavalcanti teria participado da elaboração do ‘boletim informativo’ sobre a aids; b) o boletim seria parte inicial de uma campanha de educação sanitária; c) esta, por sua vez, seria destinada especificamente aos ‘grupos de risco’; d) no entanto, endereçada designadamente aos homossexuais – “os mais atingidos pelo mal”; e) por fim, o médico admitiu que o objetivo desse boletim de cuja elaboração participou é reduzir a *promiscuidade sexual*.

Pode-se perceber o estado, desenvolvendo métodos reguladores, nos quais inicialmente identificavam-se os ‘grupos de risco’, determinando em seguida um grupo de risco ‘específico’ enquanto alvo maior, daquela ação que era apresentada enquanto uma campanha de educação sanitária, que tinha por objetivo informar o povo sobre a doença.

Entre todos os fatos, inseridos no contexto da aids àquela época, a sexualidade ‘dos outros’ surgiria enquanto um fator determinante para o estado enfrentar a doença e a proposta que vinha sendo traçada pelo poder local, indicava enquanto ponto de partida a educação sanitária. Desse modo, questionamos: Como era possível um boletim informativo sobre a aids, inserido num contexto de uma campanha de educação sanitária? Por quais motivos esta ação de educação sanitária estaria associada especificamente aos homossexuais? Que lugar seria esse destinado aos homoafetivos, enquanto um lugar de promiscuidade, que fazia o estado acionar a educação sanitária, a fim de informar o povo sobre a doença e assim evitá-la – referenciando-se à promiscuidade? Por que a aids foi associada à educação sanitária já que a carga simbólica do termo “educação sanitária” é muito associada à ausência de higienização? Por qual motivo a aids estaria sendo associada à sujeira?

A educação sanitária o controle da população e a esperança de um novo tempo, com uma sociedade limpa e saudável, devidamente ‘civilizada’. Era preciso mudar os hábitos da sociedade, que possivelmente não estaria nenhum pouco familiarizada com aquelas práticas. Assim inicia-se os discursos sanitaristas na Paraíba, acompanhados por propostas de ações sistemáticas, especificamente durante o governo do paraibano Eptácio Pessoa à frente da



presidência da República, a partir de julho de 1919, quando apresenta-se à nação as primeira ideias para a construção de um povo:

[...]buscava-se, insistentemente, a ‘construção’ de um novo jeito de ser paraibano: mais limpo, educado e saudável. Nesse contexto, médicos, educadores e políticos concordavam em um ponto: progresso só se alcança com povo saudável e sanitariamente educado. (OLIVEIRA e FREIRE, 2014, p. 56).

Desse modo, os autores buscam pensar de que forma o estado da Paraíba iria ‘construir’ esse ‘novo jeito’ de ser paraibano, de ser sociedade, ao mesmo passo, era preciso compreender de que modo a educação e a saúde, por meio dos seus agentes, alcançariam os objetivos de ter um povo ‘ideal’, de acordo com os padrões da civilidade que se propunha – um povo limpo. Segundo os autores, foi inicialmente por meio de periódicos, revistas e jornais – entre eles o jornal *A União* – que fizeram circular na Paraíba as primeiras ideias acerca de uma nova gente, desse modo a sociedade haveria de realizar uma (re)leitura da norma médica e de recriação de si mesmos (OLIVEIRA e FREIRE, 2014 p. 59).

É neste contexto, de ‘produção’ de uma nova sociedade e de idealização de um novo ‘jeito’ de ser paraibano, que o discurso de higiene foi sendo introduzido no cotidiano do povo da Paraíba. Essa porta de entrada escolhida para propagar a educação sanitária, para além dos periódicos foi também as escolas.

Nesse sentido, investigamos como os discursos médicos de higienização social que adentravam o ambiente escolar paraibano, mediante folhetos de campanhas publicitárias, material didático (livro *Noções de Higiene e de Saúde*) e do próprio discurso do professor, repercutiam na construção das identidades dos sujeitos históricos envolvidos nessa teia social. (OLIVEIRA e FREIRE, 2014, p. 60).

Dessa forma, o texto aponta a importância dessa teia que envolve as mais variadas relações de poder e também a sociedade, enquanto os outros sujeitos históricos. Na análise dos autores, essa unidade dos discursos com a finalidade de alcançar a sociedade teria na escola uma via segura: Com isso, colocavam em circulação discursos que formariam novos espaços para os sujeitos paraibanos, estivessem eles dentro ou fora dos muros escolares. Os autores ainda apresentam tais práticas, enquanto discursos recorrentes entre as décadas de 1920 e de 1940, quando se defendia a urgência de educar e de curar a população ‘bichada e ignorante’



que constituía o estado, para compor uma Paraíba mais moderna e civilizada (OLIVEIRA e FREIRE, 2014, p. 61).

Apontava-se a ‘ignorância’ do povo enquanto fator que bloqueava o progresso, para tanto, a realidade de atraso social diante do progresso, que se pretendia viver, só seriam possíveis se o mal causador fosse combatido, neste caso, a falta de higiene e a sujeira. Naquele contexto, o saber médico e o pedagógico caminhavam juntos. Havia um plano de nação que deveria ser defendido e posto em prática, era preciso regenerar o povo brasileiro, por meio dos preceitos e ensinamentos médico-pedagógicos:

Aproximando-se dos debates sobre educação, o saber médico ‘prescrevia’ a educação sanitária como ‘remédio’ capaz de levar homens e mulheres paraibanos a se identificarem com os ideais higiênicos de caráter social, como o cuidado com o corpo, a disciplina para o trabalho e a ‘saúde moral’. O diálogo entre os campos de saber médico e pedagógico visava a uma educação dos sentidos e a uma identificação com padrões de higiene social e física. (OLIVEIRA e FREIRE, 2014, p. 66).

O plano de um novo povo, que tinha por base a educação sanitária, com uma proposta inicial de modernização dessa sociedade ‘ignorante’, para ‘libertá-los’ do lugar da não higiene. Por vezes, acionada em tempos quando as doenças vitimavam a população, a educação sanitária à primeira vista teria uma proposta generosa. No entanto, percebe-se o interesse do estado em readequar e disciplinar o povo, desse modo as práticas higienistas, por meio da educação sanitária, conseguiriam mobilizar a sociedade com essa finalidade.

Da educação sanitária passava-se a um novo patamar, o da autoeducação: uma nova individualidade, que produz um novo modo, muito mais ‘higiênico’, de organizar a própria vida e o cotidiano. Isso só seria possível por meio da subjetivação dos preceitos higiênicos, já que, internalizada, a higiene permite o autocontrole e uma nova leitura se si mesmo. (OLIVEIRA e FREIRE, 2014, p. 67).

No plano de bordo da educação sanitária, já havia a perspectiva de uma nova etapa, depois de passarem pela ‘consulta’ médica, acessando a ‘prescrição’ de um cotidiano saudável, aquele sujeito educado na escola haveria de propagar para os terceiros com quem conviveria, os novos modos, ou os modos ideais de vida, tendo em vista que além da saúde física, a educação sanitária também se importaria com a promoção de uma ‘saúde moral’. Desse modo, se efetivaria a ‘nova leitura de si’.



Os leitores dos jornais *A União*, *Brasil Novo* e *Voz da Borborema* deparavam com artigos sobre a educação dos sentidos, que alertavam, por exemplo, para a necessidade de mudar os hábitos alimentares: não comer com as mãos sujas, não ingerir catarro, não comer carnes e comidas podres. O paladar, portanto, tornava-se um aliado da ‘boa higiene’, somando-se ao cuidado com o espaço da moradia (onde e como morar, como edificar a casa) e com a precaução com os territórios frequentados (a rua, a escola, as vielas, os mocambos, os mangues). (OLIVEIRA e FREIRE, 2014, p. 67).

Por meio da educação sanitária, o estado adentrava o cotidiano das pessoas, apresentando novos hábitos enquanto padrões de uma postura devidamente higienizada; para tanto, era preciso adequar-se, modificando os hábitos alimentares, e estabelecia-se também onde morar e os espaços para não frequentar. Caso contrário, um corpo fora dos padrões de higiene, seria um corpo insalubre... sinônimo de cérebro que não consegue compreender os ideais de pátria, de família, de arte, de progresso e de solidariedade (OLIVEIRA e FREIRE, 2014, p. 72).

O boletim sobre a aids elaborado em 1985, seria distribuído em todo território paraibano. E o seu objetivo era duplo: 1) Esclarecer o povo sobre a doença. 2) Era destinando-o aos ‘grupos de risco’, mas em especial aos homossexuais. Desse modo, os boletins seriam distribuídos entre todos? Informando o povo sobre os ‘principais sujeitos’ que constituíam os grupos de risco?

Diante destas notícias, veiculadas em um dos principais jornais da Paraíba, seria possível imaginar o estado de alerta da população: Há uma doença grave, letal, sem cura e de fácil contágio que acaba de chegar na Paraíba. Como poderíamos defender nossa saúde e nossas vidas desse novo mal? Provavelmente, a resposta imediata, de acordo com o texto citado, seria a não prática da ‘promiscuidade sexual’. E o que seria essa ‘promiscuidade sexual’ – aquela praticada pelos homossexuais? De que modo a sociedade paraibana poderia somar forças com o estado na luta ‘contra a aids’?

A educação sanitária na Paraíba, durante a década de 1920, teve enquanto objetivo, reeducar o povo, levando-o a adquirir novos hábitos, uma vez que a falta de higiene e um vida vivida na insalubridade colocariam em risco a vida em sociedade. Além de cuidados com a aparência, o povo precisaria combater a sujeira e abrir mão de hábitos não higiênicos. Podemos perceber neste discurso, feito pela Secretaria de Saúde do Estado em 1985, a representação dos homoafetivos enquanto ‘pessoas sujas’, e que a ‘sujeira’ desses sujeitos estaria na vida afetiva e sexual que tinham/levavam.



Com a proposta de uma educação sanitária, era preciso reeducar a sociedade, alertando-a da ‘sujeira’ perigosa que estava nos espaços e nas vidas dessas pessoas.

O jornal *A União* apontava a iniciativa da Secretaria de Saúde do estado irmão/vizinho – Pernambuco; que teria iniciado a distribuição das cartilhas que haviam sido elaboradas numa linguagem simples, explicando tudo sobre a aids. Segundo o secretário de Saúde, Antônio Siqueira a cartilha, com tiragem inicial de 10 mil exemplares, será distribuída em fábricas, supermercados, praias e postos de saúde e posteriormente em todo o Estado, através dos ambulatórios.

A pequena ‘matéria’ no *A União* sobre o lançamento da cartilha de aids em Pernambuco expõe ainda outras informações a respeito da doença no Estado vizinho, negando a existência de novos casos da doença e informando que o paciente, referenciado na imprensa no ‘dia anterior’, estaria internado no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco. Soma-se a este recorte feito na imprensa paraibana, sobre as ocorrências de aids em Pernambuco, uma segunda medida do estado, que teria submetido 1.600 presos na tentativa de detectar possíveis outros casos da doenças. É a segunda vez que um jornal da Paraíba refere-se a Pernambuco para abordar a temática da aids. A primeira teria sido feita pelo *Correio da Paraíba* no dia 9 de agosto do mesmo, para indicar que paralelo ao suposto primeiro caso de aids na Paraíba, em Pernambuco, falava-se na primeira morte.

Quinta-feira, 12 de setembro de 1985 – Saúde lança boletim orientando sobre AIDS. A imagem do ‘boletim informativo’ vinha junto com a notícia, na capa, enquanto a primeira/principal notícia do dia, do jornal *Correio da Paraíba*. Intitulado de **As indagações da AIDS: Risco, Dúvidas, AIDS**. O projeto inicial da Secretaria de Saúde do Estado, era o de distribuir 50 mil exemplares do ‘folder’, mas de acordo com o jornal, esse número havia sido reduzido para 30 mil.

Os primeiros exemplares do ‘boletim’ paraibano contra a aids teriam sido distribuídos entre os nove núcleos de saúde situados na Capital e nas principais cidades do interior³. No entanto, tais publicações já teriam sido distribuídas inicialmente em hospitais, bancos de sangue, farmácias, ambulatórios, laboratórios, consultórios médicos e bares.

Em quatro páginas e duas cores, o boletim da Secretaria de Saúde explica o que é AIDS, quem pode contraí-la mais facilmente (os chamados grupos de

³ Segue a lista dos nove primeiros núcleos (regionais/gerências) da Secretaria de Saúde do Estado: I - João Pessoa; II - Guarabira; III - Campina Grande; IV - Cuité; V - Monteiro; VI - Patos; VII - Piancó; VIII - Catolé do Rocha e IX - Cajazeiras. Atualmente, são doze, o total de núcleos regionais da Secretaria de Saúde do Estado da Paraíba, acrescentam-se a esta lista as gerências das cidades de Souza, Princesa Isabel e Itabajana - <http://paraiba.pb.gov.br/saude/gerencias-regionais/>



risco, como homossexuais, usuários de drogas injetáveis e hemofílicos), os sintomas da doença e medidas de educação sanitária (CORREIO DA PARAÍBA, Nº32, ANO XXXII, 12 de setembro de 1985, capa).

Há um fator recorrente quando se trata de aids nos primeiros anos da epidemia, os ‘grupos de risco’ limitavam-se aos usuários de drogas, hemofílicos e homossexuais. Inicialmente, sabe-se que a campanha educativa/educação sanitária era direcionada para estes grupos, para os quais se buscava determinar o modo como deveriam se portar diante do fator aids.

Tal como a sífilis, a AIDS é uma doença concebida como um mal que afeta um grupo perigoso de pessoas “diferentes” e que por elas é transmitido, e que ataca os já estigmatizados numa proporção ainda maior do que ocorria no caso da sífilis. No entanto, a sífilis não era identificada com a morte certa, uma morte precedida por uma agonia prolongada, tal como ocorria antes com o câncer e ocorre agora com a AIDS. (SONTAG, 1989, p. 34)

Um diagnóstico de aids era um atestado de exclusão, em que o doente e também culpado – como já pontuamos – vivenciava uma espécie de morte social, na qual, mesmo em vida, o indivíduo passava a conviver com a condenação à morte, sendo identificado ao mesmo tempo enquanto alguém perigoso que deveria ser evitado. Imagens e representações como estas reforçam estigmas e preconceitos contra os instituídos pela medicina enquanto ‘grupos de risco’.

O passado em si é o recipiente mais ou menos passivo do significado que o historiador lhe investe. O significado é projetado na realidade. Pode ser que esse significado se encaixe de maneira torpe ao próprio passado. Mas o passado não protestará contra isso, assim como nossas casas sofrerão passivamente com qualquer cor que as pintemos. (ANKERSMIT, 2012, p.197).

Vejo como pertinente para a nossa reflexão a citação acima retirada do texto do Ankersmit (2012), quando nos apresenta o passado enquanto uma ‘temporalidade passiva’ e aparentemente indiferente aos significados que lhes são atribuídos. Desse modo, penso na força e no poder que as representações e as metáforas carregam consigo, de atribuir significados não apenas a algum indivíduo ou a algum fato específico. Considero a força e o poder que as metáforas e as representações possuem em imprimir um determinado significado ao ‘passado’ em evidência.



É nesta perspectiva que este artigo pensa a aids, suas metáforas e suas representações, que construíram imagens em torno de uma doença, que instituiu significados a um determinado passado, e que confeccionou imagens e identidades para indivíduos específicos, num determinado processo histórico e social, impregnado de uma intencionalidade.

Diante de um tema como a aids, uma doença costumeiramente compreendida por representações e metáforas, encontramos na reflexão de Ankersmit (2012), uma máxima que sugere a importância desta pesquisa. Tendo em vista que as representações não necessitariam especificamente da linguagem e de suas múltiplas possibilidades, para só assim serem assimiladas e compreendidas de acordo com a intencionalidade de suas construções. Não estou dizendo que a percepção dessa possível intencionalidade e manipulação no processo de construção das representações e das metáforas haveria de ser percebida pela sociedade, mas que qualquer indivíduo dessa mesma sociedade, independente de seu nível intelectual, facilmente compreenderia estas tais representações e metáforas que estão aí, dadas a 'ler'.

Do mesmo modo, estou sugerindo que há algumas várias representações acerca da aids e que entendemos estas imagens enquanto resultados de uma construção social, tecidas e fabricadas ao longo do tempo. Daí o desafio apresentado, o de identificar estas imagens e os seus processos de construção, na cidade de João Pessoa.

Em meio a todas as representações dadas à aids, vemos a possibilidade de uma releitura acerca das doenças, enquanto algo inerente à vida humana. Eis o desafio de perceber em torno das doenças suas construções e representações históricas, que escolheram determinados aspectos da doença e lhe conferiram a imagem que quiseram lhe imputar. Queremos encontrar outras possibilidades, assim como Canguilhem (2005), indica [...] *mas por sua simples presença no mundo*. A doença, assim como a morte, é elemento que constitui nossa trajetória humana. Contudo, a eminência da morte revelou nossa condição humana numa intensidade que não imaginávamos ser. E à medida que negamos o outro que nos revela por meio da doença o seu direito à dignidade humana, culpabilizando-o por causa do diagnóstico que tem, nós aumentamos a dor desse que não é o outro, mas o nosso semelhante.

Nessa constante de violência e de negação, nos distanciamos de tudo aquilo que poderia ao menos nos lembrar da nossa essência humana. Muita gente quer encarar a aids metaforicamente – como uma espécie de peste, uma condenação moral da sociedade. (SONTAG, 1989 p. 72).

Diante dessas reflexões compartilhadas, temos um novo horizonte que aos poucos foi se colocando à mostra, vindo a existir em meio a esse



contexto que pudemos acessar durante toda a narrativa e caminho que trilhamos até aqui. Falo dos cenários de preconceitos, dos discursos moralistas, na maioria das vezes pautados em metáforas, guiados pela indiferença e desse modo legitimando toda sorte de violência a qual as pessoas ‘tocadas pela aids’, ao redor do mundo, foram submetidas. Esse ‘novo’ horizonte à primeira vista é contraditório. Que positividade poderia haver numa doença que recebeu tantas leituras cruéis, leituras estas que tornava a vida dessas pessoas ainda mais desafiadora? O processo de luta e de resistência destes sujeitos são estas positivities que denunciaram as injustiças, as exclusões, as indiferenças e as investidas de desconstruir a humanidade daqueles que, no contexto da década de 1980, enfrentaram a aids e suas mais diversas problemáticas.

REFERÊNCIAS

ANKERSMIT, Frankiln Rudolf. *A escrita da história: a natureza da representação histórica*. Londrina, PR: Eduel, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Cortez, 2011.

CANGUILHEM, Georges. *Escritos sobre a medicina*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

_____. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro, Graal, 1999.

GALVÃO, Jane. *AIDS no Brasil: A agenda de construção de uma epidemia*. Rio de Janeiro: ABIA, São Paulo: Ed. 34, 2000.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de; MARQUES, Rita de Cássia (orgs.). *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

_____. *As Pestes do século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti; FREIRE, Leonardo Querino. ‘É o bom professor que prepara o bom patriota’: interfaces entre educação e saber médico na Paraíba (1919-1945). *Revista Brasileira de História da Educação*; 2014. -

<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/410>



_____. *Reforma e educação sanitária na Penna de Belisário – primeira república do Brasil (1916-1925)*. | vol. 3 n. 2. Agosto/Dezembro de 2011 – ISSN: 1984-6150 | <http://www.fafich.ufmg.br/temporalidades/pdfs/06p63.pdf>

OLIVEIRA, Thiago L. *LEVANTAR BANDEIRA E DAR PINTA: Elementos para uma historiografia do movimento LGBTT em João Pessoa (1980-2002)*. João Pessoa, 2016. (Mimeo).

PÉRET, Flávia. *Imprensa Gay no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012.

POLLACK, Michael. *Os Homossexuais e a AIDS. Sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

ROSA, Susel Oliveira da. *A Biopolítica e a vida que se pode deixar morrer*. Jundiá, Paco Editorial: 2012.

SIMÕES, Júlio; FACHINNI, Regina: *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

SONTAG, Susan. *A Aids e Suas Metáforas*. Trad. Paulo Henrique Brito. São Paulo, Companhia da Letras, 1989.

TARDELLI, Roseli. *O valor da vida: 10 anos da Agência Aids*; texto baseado em diálogos com Cristina Sant'Anna. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

TIMERMAN, Artur. *Histórias da AIDS*; Naiara Magalhães. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

TRONCA, Ítalo. *As máscaras do medo: lepra e aids*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.

VIANNA, Eliza da Silva. “Algumas coisa aconteceu comigo”: a experiência soropositiva nas obras de Caio Fernando Abreu e Hervé Guibert (1988-1996). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2014.